

APRESENTAÇÃO

Leila de Menezes STEIN¹

Apresentamos neste nº 1 do vol. 4, da REDD, o Dossiê **Migrantes, Trabalho e Mundialização nos Estados Unidos e Brasil**. Compõe o dossiê sete artigos de pesquisadores do tema, ligados ao Grupo Temático Trabalho e Trabalhadores e que foram escritos especialmente para serem aqui publicados. Indicam e sugerem alguns aspectos novos na pesquisa do trabalho no Século XX e XXI.

Centrado na *persona* do trabalhador migrante enquanto vivencia formas de trabalho em que a liberdade formal do trabalho se entrelaça às modalidades de precariedade e de formas revividas de escravidão. Uso pelos empregadores dos preconceitos, da discriminação, do desconhecimento da língua por parte do empregador para impor padrões de autoritarismo e de dominação discricionária, aceitos que são como último recurso de sobrevivência em ambiente estranho, hostil e ameaçador. Ainda assim, a vivência e o trabalho tornam-se possíveis e suportáveis porque relações sociais e novas sociabilidades constroem-se através de redes sociais étnicas. Acolhimento, moradias e vida em comunidades de línguas somam-se e viabilizam os projetos dos migrantes individualmente considerados.

Concordamos com David Harvey (2011) para quem a nova ordem financeira mundial e a financeirização do sistema capitalista colocaria em primeiro plano a desorganização do trabalho e dos mercados de trabalho, dadas às novas tecnologias de deslocamentos da produção e terceirização, assim como seu redirecionamento para mercados de trabalho desorganizados e, portanto porosos a procedimentos de coerção individual. Argumenta também que se a constitucionalidade burguesa mostra-se eficiente nos assuntos do mercado, não teria os mesmos efeitos em relação ao processo de produção.

Neste sentido, afirma David Harvey (2011, p.88):

[...] a gama de táticas capitalistas no processo de trabalho precisa ser examinada. É aqui que os capitalistas usam o poder das diferenças sociais em seu próprio benefício ao máximo. As questões de gênero, muitas vezes, tornam-se vitais no chão de fábrica, assim como as questões de etnia, religião, raça e preferências sexuais [...]

Ainda assim, afirma Harvey (2011, p.90):

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Departamento de Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – leilastein@terra.com.br

[...] aconteça o que acontecer no processo de trabalho, a potencialidade de um bloqueio revolucionário do tipo enfatizado pelos autonomistas é sempre uma ameaça. Deve ser evitado a todo custo pelo capital, porque o capital e o capitalista têm que ser perpetuamente reproduzidos pelos trabalhadores por meio da atividade do trabalhador. Os detalhes de como isso são feitos são infinitos em sua variedade e, certamente, dignos de investigação minuciosa. As lutas sociais no chão de fábricas e nos campos, nos escritórios, nas lojas e nos espaços de construção, bem como na produção de espaços, nos lugares e ambientes construídos, definem um ponto de bloqueio potencial para a acumulação do capital que está perpetuamente presente e que precisa ser perpetuamente contornado pelo capitalismo para sobreviver [...]

Reunimos aqui o estudo desta problemática baixo uma pluralidade de perspectivas e de experiências de pesquisa. A socióloga e pesquisadora *Senior* Maria da Gloria Marroni da Universidade de Puebla, México, tem sólida bagagem nos estudos do trabalho de mexicanos nos Estados Unidos. Trabalha com histórias de migrantes, feitas ao longo do tempo de suas sucessivas idas e vindas a Nova York, nos Estados Unidos. Estuda o grupo dos migrantes da região de Oaxaca – sul do México – polo irradiador desta peculiar diáspora que se orienta pela manutenção da estrutura familiar de origem. Entrevistas reiteradas e repetidas ao longo do tempo, acompanhando as trajetórias de grupos selecionados de migrantes mexicanos, que tiveram seus tempos de vida e de trabalho organizados para análise.

Muitas facetas das suas redes sociais alimentam sua vinculação à região e ao país de origem e por essa via ressurgem sociabilidades de suas comunidades de origem. Divididos por gênero, os projetos migratórios particularizam-se, em cada caso, pelas estratégias de progresso e de fracasso nas **vantagens** que podem trazer para os núcleos familiares que permaneceram no México. Em Oaxaca as famílias combinam quem deverá migrar e quem deverá permanecer. Algumas mulheres passam a almejar as vantagens da liberdade no padrão da vida da mulher norte-americana, liberdade esta duramente conquistada por sua vida de trabalho. Somando-se a esta perspectiva, Janaina de Oliveira estuda movimento da travessia do migrante mexicano via fronteiras americanas militarizadas, o que é viabilizado por indivíduos que exploram essa travessia – os coiotes. Através de utilização de dados do *Pew Hispanic Research Center*, levanta alguns traços e condições de tentativas de integração à sociedade americana, via ingresso dos jovens formados naquela sociedade receptora, assim como, aponta para alguns movimentos de resistência e de organização em associações e comunidades. Joyce Anselmo, por outro lado, coloca em destaque a resistência dos trabalhadores em serviços de faxina em Los Angeles, Estados Unidos, organizados em associações e buscando sedimentar a realização de contratos de trabalho legalizados com

empregadores, intermediados pelos sindicatos que conseguiram formar e conformar dentro dos padrões da estrutura sindical daquele país.

Abordamos, por esse viés, o **trabalhador hóspede**, estrangeiro e excluído de muitas das condições sociais e econômicas presentes ao mercado de trabalho dos norte americanos. De modo especial excluídos dos direitos mínimos, entre os quais, do grande programa do Social Security – SS. Programa preferencial para idosos, deficientes físico, crianças e famílias pobres, fornecendo um conjunto de rendas sociais a tais indivíduos, desde atendimento médico público, complementação para alimentação e apoios contra a pobreza. Compõe os seguros sociais, garantidos pelo *Social Security Act*: seguros de aposentadorias, seguro para sobreviventes de guerras, para deficientes. Saúde e cobertura de despesas com hospitais, médicos: exclusivos para deficientes, idosos, doenças terminais. Além disso, rendas suplementares, entre as quais, benefícios para veteranos de guerra, seguros para desempregados; assistência pública para famílias necessitadas, assistência à maternidade e saúde da criança, assistência à energia, suporte para crianças e selos de comida ².

Os migrantes, ou **trabalhadores hóspedes**, lutam e resistem diante das precárias e duras condições de vida e trabalho nos Estados Unidos. Leila Stein estuda esses padrões, localizando formas de resistência destas populações. Mexicanos conseguiram organizar-se em comunidades étnicas e pré-sindicais e promoveram paralisações e boicotes contra proprietários de supermercados e lojas de *delicatessen*. Na complexa vida da city de Manhattan pequenos estabelecimentos realizam o comércio de varejo de comidas e produtos frescos e estão presentes em quase todos os quarteirões, empregando, especialmente, migrantes mexicanos. O alvo principal desses embates é o reconhecimento do vínculo de emprego e a denuncia da precariedade, ou seja, do caráter temporário do trabalho e sua não regulamentação. Ainda que esta não seja a única qualificação deste tipo de trabalho, havendo formas de escravidão, trata-se de uma pauta presente aos diversos movimentos registrados. Seguindo esta perspectiva do trabalho em moldes de escravidão, Beatriz Coutinho estuda o fluxo de trabalhadores estrangeiros precarizados e ilegais – bolivianos – para as indústrias do vestuário na cidade de São Paulo no Brasil.

As reivindicações por direitos sociais e pelo reconhecimento de suas associações colam-se à busca de direitos sociais e de trabalho vigentes de fato, ou ao menos legalmente aplicáveis, tais como prescrevem a legislação dos Estados Unidos, e que incluem: acesso aos seguros de saúde, legalização do direito ao sindicato e acesso aos níveis de salários mínimos

² Confira (NORTHERN ILLINOIS UNIVERSITY, 2012).

legais. Colocamos em destaque, os esforços políticos e sociais dos migrantes mexicanos, africanos, árabes, populações da Europa Oriental, hindus, paquistaneses, na direção de conquistar reconhecimento. Frutos da reversão da migração do hemisfério Sul para Norte, desde que a política de migração, nos anos 60, mudaria sua orientação de cotas mínimas de acesso para promover o livre acesso ao mercado de trabalho. Se os europeus puderam migrar para a América e conseguir cidadania, o mesmo não se pode dizer dos migrantes atuais, a quem não é concedido o acesso à cidadania.

A esta política de livre acesso ao mercado de trabalho, portanto, acopla-se uma reiterada política de não reconhecimento e de leis de discriminação que persistem em muitos estados da união federativa norte americana, que em muito replica a situação vigente no período de *apartheid* que antecedeu o grande movimento pelos direitos civis dos anos 60 e 70. Muitas vezes a cultura da desvantagem racial é reiterada pelas mídias e sustentada pelas comunidades de nativos. Por essas vias, os trabalhadores estrangeiros não são legalizados, em muitos casos, visualizados apenas como temporários ilegais. Suportam, assim, o peso de um mercado de trabalho **ilegal** em que a precarização é a regra. Trabalhador hóspede, muitas vezes considerado como **autônomo** e sofrendo imensas desvantagens. O caso do movimento de resistência dos trabalhadores em transporte de passageiros em taxis e em empresas de transporte de passageiros é exemplar. Ocupado por paquistaneses, indianos e africanos, em sua maioria, não são reconhecidos como empregados e devem cumprir com os encargos e custos de sua atividade. Gastos com gasolina, taxas, multas, manutenção, somam-se ao pagamento das diárias pelo uso dos veículos. Denso movimento de resistência envolveria sindicatos da rede da *American Federation of Labor – AFL* - e formação de associações pré-sindicais destas etnias, especialmente, daquelas provenientes de populações de vários países da África. As autoridades e secretarias do governo posicionaram-se e algumas regulamentações teriam sido iniciadas.

Tal quadro de ilegalidade e de pobreza diante da crise econômica que se iniciou em 2008 acabaria por exercer pressão sobre o sistema político norte americano. Respostas institucionais passíveis e com a intenção de minorar este quadro de contraste entre as condições vigentes aos dois mercados, passariam a integrar as propostas políticas das principais forças políticas do país, o que presencia os períodos eleitorais. Nos dois últimos períodos de eleições presidenciais o migrante pontuou a agenda, especialmente presente no programa eleitoral de Barack Obama. Dois temas polêmicos estiveram na ordem do dia da cena política e de suas disputas. Primeiro, pode-se citar diversas propostas de reconhecimento do direito à cidadania para os trabalhadores migrantes, presentes às agendas tanto do Partido

Republicano quanto do Partido Democrático. E em segundo lugar, proposições de reconhecimento de direito a atendimentos públicos de saúde para os trabalhadores migrantes. Marcos Dias analisa as circunstâncias e as conjunturas que presenciaram a aprovação da reforma de saúde, no ano de 2008. Profundas cisões dividiram e dificultaram o funcionamento do sistema bi partidário. Conservadores radicalizam a suposta ameaça representada pelo migrante estrangeiro, em que os *Tea Partys* seriam uma expressão exemplar. Cindidos pela questão federativa, os legisladores federais mal conseguem responder as pressões de suas bases regionais, em que estados como Arizona e Texas mantêm o mantra do xenofobismo, sendo que o primeiro chegaria a votar lei de criminalização do migrante ilegal ou *alien*. A questão dos dilemas do federalismo é analisada por Rodrigo dos Santos.

Para Marcos Dias, a complexidade do quadro político desponta num emaranhado de argumentações unidas pela tese de que qualquer mudança poderia provocar efeitos perversos. Corta diagonalmente argumentos e teses de que a sustentação da extensão de um direito a todos os cidadãos retiraria direitos de parcela de outros que, por exemplo, ao comprar seguros de saúde já o adquiram pela compra no mercado. O que pode ser resumido com a formulação de que ao se propor um seguro de saúde universal e obrigatório, retira-se o direito de escolha da população. Finalmente, quando o governo estende o seguro saúde à população sem renda, oneraria aqueles que já o possuíam. Neste jogo de pressões, muitos estados recusam-se a cumprir a lei e aceitar a sua validade em seus territórios, em alguns casos votando leis estaduais. Grupos contrários à reforma se voltam para construir bloqueios através do judiciário e da defesa da autonomia estadual.

Apresentamos, ainda, diversas contribuições de autores que cortam a temática do trabalho via as seguintes perspectivas: Tadeu Teixeira utiliza o foco dos estudos de gênero, Caio Chiarello centra seu esforço interpretativo nas alternâncias das formas de emprego do trabalho na produção entre a polivalencia e a politecnia e Sergio de Lucca estuda lesões de trabalho na produção de rosas. São ainda estudadas as temáticas dos esforços autogestionários contemporâneos de trabalhadores (Marcos Carvalho Dias), o desenvolvimento sustentável (Paulo Lopes e Keila Araujo), os trabalhadores da pesca na Amazônia (Pedro Raposo). Finalmente, Ricardo Campos o papel da aplicação do conhecimento às pequenas propriedades familiares na abordagem de desenvolvimento local.

As demais seções de nossa revista contêm duas resenhas, sendo uma de autoria de Guilherme Carvalho e a outra de Maria Aparecida Chaves Jardim. Fechamos essa apresentação com a justa homenagem que prestamos à memória da arguta e humana socióloga e pesquisadora do Programa de Pós- Graduação em Planejamento Urbano e Regional - PUR -

Apresentação

da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ana Clara Torres Ribeiro. Uma das fundadoras, em 1998, do Laboratório da Conjuntura Social: Tecnologia e Território (LASTRO), polo irradiador deste pensamento. Sua abordagem seria sistematizada na disciplina Teorias da Ação em que ensinava o trabalho experimental desenvolvido pelo LASTRO. Trata-se de formular orientações teóricas para a pesquisa sistemática da **ação social** - reivindicações, protestos e lutas - em grandes cidades, utilizando o novo conceito de cartografia da ação.

REFERÊNCIAS

HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

NORTHERN ILLINOIS UNIVERSITY. **Social service careers: getting a a job & pursuing graduate school**. (Social Services Handbook, 4). Disponível em: <<http://www.niu.edu/careerservices/guides/socialserviceguide.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2012.